

DIREITOS DA NATUREZA: SUMAK KAWSAY, EPISTEMOLOGIA E ESCOLHA

Prof. Dra. Janina Sanches¹

RESUMO

Trata-se de reflexão sobre a mudança paradigmática proposta pela Constituição equatoriana de 2008, sobre os Direitos da Natureza ou *Sumak Kawsay* (em quéchua: bem *con-viver* com a natureza, consigo mesmo, nas relações interespecies), com base em conceito ancestral das populações nativas andinas, legitimando a sua participação na gestão política da vida do país e provocando perplexidade para o resto do mundo. Focalizando a questão da construção social “gênero”, reflito sobre repercussões do *sumak kawsay* no campo da epistemologia e da educação, para o Brasil e demais países, ao sul do globo, acostumados à fragmentação entre o social e o biológico. Problematizo a mudança na maneira de conhecer, a partir da pergunta: para que nos serve essa notícia? A reflexão baseia-se em pesquisa mitohermenêutica realizada entre 2009-2010, com professoras do Brasil e do Peru. Interrogando sobre mudanças paradigmáticas subsequentes à proposta pelo *Sumak Kawsay*, questiono algumas afirmativas de pensadores contemporâneos sobre a educação intercultural, concluindo que no Brasil ainda não damos ouvidos aos conhecimentos dos povos nativos, tendo escolhido ignorá-los e sofrer as consequências.

Palavras-chave: Direitos da Natureza. Epistemologia. Escolha. Gênero. Educação.

THE RIGHTS OF NATURE: SUMAK KAWSAY, EPISTEMOLOGY AND CHOICE*

ABSTRACT

This reflection is about the paradigmatic change proposed by the Equatorian Constitution of 2008 about the Rights of Nature or *Sumak Kawsay* (in kichwa meaning the good convivial with nature, with self-personal energies and with interspecies). Based on ancestral concepts of native population from the Andes, the Constitution legitimates their participation in the management of political life in the country and caused perplexity to the rest of the world. Focusing on the social construction of *gender* I reflect about the resonances in the field of the epistemology and education, for Brazil and the countries of the South of the globe, used to the fragmentation between the social and biological. Problematizing the change in the way of thinking, some questions are: How does this news serve to us? I develop a reflection based on a myth-hermeneutical research conducted from 2009 to 2010 (Sanches, 2010) with teachers of public schools of Brasil and Perú. I question about paradigmatic changes subsequent to those of the *Sumak Kawsay*, and about some affirmatives of contemporary thinkers on intercultural education, concluding that in Brazil we have not listened yet to native peoples knowledge. As we have chosen to ignore them and to suffer the consequences.

Keywords: Rights of Nature. Epistemology. Choice. Gender. Education.

¹ Professora, Pesquisadora, Artista. Pós-Doutora em Filosofia da Antropologia da Educação, pela FE-USP (2010); Doutora em Educação: currículo pela PUC-SP (2006), Mestre em Educação: linguagens pela FE/USP (2003), Graduada em Comunicação Social: pela FACHA-Rio de Janeiro (1989). Ensina na UniChristus, Curso de Direito, e tem ensinado em programas de Graduação, Mestrado, Doutorado em Comunicação, Educação, Saúde Pública, Arte. Atua sobre os temas: Gestão do conhecimento, Gênero, Interculturalidade na Educação, Currículo, Cultura-análise, Mitohermenêutica, Epistemologia cultural, Metodologia da Pesquisa Científica. Publica livros, artigos, em revistas acadêmicas. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9974944245713488>.

Introdução

*Não dirigimos um micro-fenômeno pelo seu núcleo realista
mas pela atmosfera idealista que o circunda.*
Bachelard (2000, p. 116)

Trata-se de reflexão sobre a mudança paradigmática proposta pela Constituição equatoriana de 2008, sobre os Direitos da Natureza ou *Sumak Kawsay* (bem-con-viver em quéchua), com base em conceito ancestral das populações nativas andinas, que significa viver em relação harmoniosa com a Natureza, em consequência, entre os seres humanos e nas relações interespecies. A atitude legítima a sua participação na gestão política do país e provoca perplexidade para o resto do mundo. Focalizando na questão da construção gênero feminino, reflito sobre repercussões no campo da epistemologia e da educação, para os demais países desta região ao sul do globo.

Problematizo a mudança na maneira de conhecer, pois nunca antes as comunidades indígenas haviam conseguido inserir suas ideias num documento tão importante como a Constituição de um país, a partir da pergunta: para que nos serve essa notícia? A reflexão baseia-se em pesquisa de metodologia mitohermenêutica, realizada de 2009 a 2010 (SANCHES, 2010), sobre a questão do *feminino*. Tendo encontrado um vazio de conhecimento sobre as culturas ancestrais do Brasil e do Peru, indico a necessidade da educação *holonômica*, integrada, de bem *con-viver*. Finalmente, considero que no Brasil ainda não damos ouvidos aos conhecimentos dos nossos ancestrais, tendo escolhido ignorá-los e sofrer as consequências. Proponho usar todos os recursos do atual caminho de passagem, pois aprendendo sobre o Outro, aprenderemos sobre nós mesmos.

*Apresentado no I Encontro Internacional de Direitos Culturais. UNIFOR, Fortaleza, 2012.

Mudança epistemológica e a escolha

*Até que ponto vamos ser nós os delimitadores
do que os índios devem saber?*
Paulo Freire (2005, p. 58)

Em dezembro de 2010, tive a honra de participar do II Encontro *Sumak Kawsay: Derechos de la Naturaleza*, em Quito, convidada do evento organizado pelo Ministério do Patrimônio do Equador, a FLACSO e a Embaixada da Bolívia (SANCHES, 2010). Nessa oportunidade, dei-me conta das profundas mudanças, que a Constituição equatoriana de 2008 colocara em processo, e como as consequências eram inimagináveis para o futuro. Com o item sobre os Direitos da Natureza ou *Sumak Kawsay*, entendido como o *bem con-viver* ou viver em relação harmoniosa com a Natureza e, em consequência, manter o mesmo tipo de relação entre os seres humanos. Deu-se início a uma mudança paradigmática tão profunda, que acredito que, passados dois anos, ainda não há suficiente literatura acadêmica a respeito desse fato, que nos ajude a compreendê-lo e principalmente, a vivê-lo. Estando o mundo contemporâneo marcado pela prevalência de violências dos poderosos interesses da globalização neoliberal, as tensões que provoca entre a homogeneização cultural e a heterogeneização cultural, a questão da construção da noção de gênero *feminino* entre outras narrativas desveladas e as pequenas perversidades que se multiplicam na escola e na família. Observamos que muitos se

acostumaram a acreditar que tem de ser assim, como se não houvesse outra maneira possível de pensar e viver.

As ações afirmativas referentes a povos nativos, em sua maioria, são reivindicações sobre a crescente marginalização social, a escassez de oportunidades econômicas, políticas públicas específicas para as mulheres. A construção de gênero busca pela reparação de injustiças históricas aos povos nativos, coloca em questão o acesso aos direitos humanos numa noção mais ampla, na maneira de conhecer propostas pelo movimento dos povos nativos do Equador, quebra alguns paradigmas do mundo ocidental, que deixam de fazer pleno sentido. Por exemplo, seria agora possível interpretar de outra maneira o pensamento de Walter Benjamin, de que todo documento de cultura é um documento de barbárie? O *Sumak Kawsay*, com sua proposta de bem con-viver, é uma escolha coletiva.

Na pesquisa realizada em 2009, busquei encontrar a qualidade do diálogo entre duas culturas de educação, a do Brasil e a Peru, através de professoras da rede pública de ambos os países. Tendo encontrado (SANCHES, 2010, p. 14) que neste momento não é possível falar de “qualidade de diálogo”, porque em nenhuma das histórias de vida a(o) Outra(o) é alguém verdadeiramente conhecida(o), o que quer dizer que há todo um espaço para a percepção de pessoas, em novos relacionamentos, para a exploração de mundos desconhecidos do imaginário cultural, a possibilidade de criação de projetos sociais, o desenvolvimento de soluções científicas para a superação de problemas comuns, com possibilidade de êxito, pois as professoras peruanas referiram-se às brasileiras como independentes, livres, e as professoras brasileiras referiram-se às peruanas como lutadoras, trabalhadoras; ambas são qualidades importantes para o êxito do trabalho em grupo, em condições sadias.

Pela metodologia antropológica e ao mesmo tempo hermenêutica, recorri aos estudos do imaginário, que surgiram a partir do esgotamento da visão de mundo e do paradigma da racionalidade e do positivismo, que haviam desvalorizado a imagem em favor do conceito. O estudo sobre o diálogo existente na construção do processo identitário plural entre as professoras, mulheres, *PachaMama* a Oeste do continente, *Ñandesy* a Leste, motivou a pesquisa; como seriam vividos os arquétipos, como se articularia o passado (*arché*) e instintos com o presente vivido, em direção ao futuro (*telos*), tendo encontrado, nas palavras de Marcos Ferreira-Santos (1998, 2004, 2005) e Durand (2002), o sustento teórico e metodológico fundamental para o desenvolvimento de minhas ideias e o processo da metodologia mitohermenêutica para a análise das culturas.

Sendo o objetivo social contribuir para a construção de uma mulher-cidadã, do ponto de vista intelectual, físico, moral, e não mais pela feminilidade predeterminada pelo social e a cultura. Nesse ideal, é importante observar em que medida é atingida a mulher-professora e como a consciência “externa”, que é fornecida pelos movimentos atuais em defesa da mulher, está realmente contribuindo para melhores escolhas. Sendo social a linguagem e sendo a voz da professora pela qual se aprende nas instituições de educação, sobre um novo sistema de ideias organizadas, classificadas na “defesa da mulher”, no campo da ciência não é diferente. Obrigadas pelas políticas públicas a uma ação pedagógica ativa, criativa e a exercer-se no melhor modelo social-liberal-cidadão, a fim de não sucumbir aos desafios frente ao alunado cada vez mais informado, inquieto, ansioso, insatisfeito, espera-se que a mulher-professora, re-una-se, re-encontre-se, a fim de que melhor possa usar as suas energias, por um lado da passividade, docilidade, submissão, por outro, do empreendedorismo, da aventura e da curiosidade, a fim de encontrar o equilíbrio emocional que permite a tranquilidade e a paz.

Em ambos os países, mudanças da atualidade quanto à mulher estão nas políticas públicas: no Peru, o *Ministério de la Mujer y Desarrollo Social* e, no Brasil, a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. No âmbito educativo, por meio desta pesquisa, encontrei vozes de mulheres ressentidas, prisioneiras da memória, debatendo-se com fatos do passado, da realidade mantida à frente das imposições dos interesses econômicos do Estado e diante de uma fragilidade pessoal típica do processo de transição, pelo desconhecimento ou mau uso das energias chamadas por Jung (1987) de *animus/anima*. A mesma problemática foi tratada pelo conceito *Sumak Kawsay* ou *bem-viver* com a Natureza e conseqüentemente em harmonia entre os seres humanos.

Na análise do ressentimento social e as repercussões no campo da política, encontrei a explicação de Maria Rita Kehl (2007, p. 206) sobre o ressentimento como manifestação da insatisfação de grupos para quem a promessa da modernidade, de igualdade de direitos para todos os sujeitos, não se cumpriu. Esse fenômeno não ocorre naquelas sociedades estratificadas por sistemas rígidos de castas, onde não há essa possibilidade de melhoria, pela própria condição de nascimento e estrutura simbólica estável. No caso da mulher, o fato de ter-lhe sido por tanto tempo imposto um modelo depreciativo de construção social pelo gênero feminino, e tendo perdido a coragem de lutar, a atitude ressentida em sua passividade queixosa, tornou os sujeitos impotentes, como agentes de transformação política. Em suas repetidas tentativas de superação, observa-se o fracasso, porque as políticas de ressentimento costumam apresentar pseudossoluções.

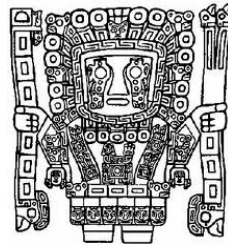
Foi o *processo psíquico civilizador* (ELIAS, 1994, p. 14), com o desenvolvimento de modos de conduta, que alterou o sentimento em volta das relações sexuais humanas, observa Norbert Elias (1994, p. 189). Considerando remanescentes dificuldades de alguns adultos em tratar do tema entre si e em falar com adolescentes e crianças sobre o assunto, problema que, apenas nas últimas décadas do século XX, começou a parecer mais natural. A racionalização, a modelação e a explicação racional de tabus sociais é um aspecto dessa transformação, que afetou pulsões, sentimentos, consciência e reflexões mais profundas sobre as experiências humanas.

É preciso agora desfazer conexões conceituais criadas em outras épocas, para atender a interesses que são sempre atualizados. Distinguir, a fim de compreender o controle da conduta que a sociedade impôs a seus membros, a uma teia de relacionamentos e à mulher. Graus de medo e ansiedade que motivam as pessoas são obras do ser humano e geram frustrações, restrições, imposições, inseguranças, inquietação (Elias, 1994, p. 270). Dentro da complexidade e da interdependência, as configurações humanas precisam encontrar uma coexistência capaz de alcançar um equilíbrio, pois só então, conforme Elias (1994, p. 274), se poderia dizer que seres humanos são *civilizados*. Importante agora, frente a outras forças de comunicação contemporânea, em especial a publicidade, questionar o que é mesmo que queremos ser, sendo civilizados, e segundo qual modelo, compreender o gênero feminino.

Tradicionalmente na educação as ideias dos povos nativos não nos interessam. Como sistema simbólico cultural, trabalha-se no plano das ideias. Pelo distanciamento geográfico, no Brasil, sendo um país de tamanho continental, preservando o distanciamento entre os corpos e as ideias, e pela mesma questão da *tutela* dos povos nativos, a diferença por

antinomia é mantida, ou seja, por exclusão, pela negação da existência do outro, permanece, e, as suas ideias não nos interessam.

Nesse sentido, a proposta equatoriana do *Sumak Kawsay*, ou *bem-viver entre os homens*, como consequência de viver bem com a Natureza, traz um conhecimento novo para o mundo ocidental e capacita a questionar outros paradigmas ocidentais que têm sido caros na formação universitária. Sob pena de estarmos sendo ingênuos, não podemos deixar de considerar que esse é um conhecimento dos ancestrais.



Deus Wiracocha

Desenho no portal de um templo da cultura Wari-Tiwanaco (200 a.C – 1200 d.C)
O deus hermafrodita e imortal, o povo acreditava que ele estava em toda parte.

Estudos sobre a religião do antigo Peru, têm encontrado desenhos em objetos de cerâmica, de culturas que existiram antes dos incas, imagens do deus solar, hermafrodita, *Wiracocha*, que mora nas montanhas, é criador e organizador do universo e de tudo o que nele existe. Sendo hermafrodito, ele criou a primeira mulher, sua gêmea, simbolizando a mãe terra. Assim também na cosmologia guarani, numa das versões do *Pai-tavyterã*, o ancestral *Ñande Ramoi* (nosso avô), sendo hermafrodito, criou a primeira mulher *Ñande Jaryi* (nossa avó).

Tendo ficado a cultura imaterial expressa nos objetos e a dificuldade moderna em lidar com o aspecto imaterial, da subjetividade, devido ao tipo de relação rigorosa que assumiu para lidar com os dados da sensibilidade, e suas lógicas pragmáticas internas, a educação contemporânea, com recursos de comunicação virtuais antes inimagináveis, deve buscar atender à necessidade de conhecer-se, de todo ser humano. Socializar novos conceitos, mas também mergulhar através da jornada interpretativa, na *paisagem cultural* da percepção do Outro, no seu próprio espaço e tempo, fazendo-lhe justiça. Considerando o sujeito na sua complexidade, é preciso reconhecer as multi-lógicas, nas múltiplas maneiras de conhecer que o ser humano tem criado na sua racionalidade e irracionalidade (MORIN, 2007, p. 59). Buscando a medida e a desmedida, a afetividade intensa e instável, a invasão do imaginário e da realidade, a consciência da morte e a sua descrença, a produção de mito e magia, bondade e crueldade, ciência e filosofia, a pessoa como possuída e possuidora de deuses e ideias, construtora de conhecimentos comprovados, ilusões e quimeras (SANCHES, 2010, p. 28).

Sendo todo processo parte do imaginário coletivo, como conhecê-lo nas suas nuances? Em 2004, durante os dias 15 e 16 de dezembro, participei do Seminário “Terras Guarani no Litoral – Contexto Fundiário e Ambiental”, que ocorreu no Memorial da América Latina, em São Paulo, organizado pelo Centro de Trabalho Indigenista, com o apoio da Norwegian Rainforest Foundation. No fim do primeiro dia de comunicações *dos brancos*, perguntou-se à plateia se alguém queria dizer alguma coisa. Um índio guarani levantou-se e disse que ele havia

sido trazido da sua aldeia, em ônibus muito confortável, para prestigiar aquele encontro, tendo sido hospedado em um hotel bonito, comendo três refeições ao dia, estava sendo conduzido em ônibus confortáveis pela cidade e encontrando parentes de várias aldeias do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo. “Da próxima vez”, enfatizou, “vou trazer toda a minha família, porque eles ficaram na aldeia, passando fome, sem entender o que é que eu estou fazendo aqui” (SANCHES, 2006).

A autenticidade das palavras demonstra a força da percepção e da escolha consciente do que se faz. O uso da metodologia mitohermenêutica, ao permitir compreender os comportamentos nas culturas, esclarece o uso das imagens e dos símbolos como traços dos arquétipos captados, na busca dinâmica de sentidos para a existência (FERREIRA-SANTOS, 2005, p. 65). A experiência da investigação sendo também uma *apropriação* daquilo que me foi transmitido, estando eu impregnada simbolicamente por essas culturas. Etimologicamente, *pregnância* - significando gravidez de um sentido e engendramento interior da *humanitas* (humanidade em potencial nas pessoas), privilegiando o processo e *buscando sentido* para o vivido, interpretando aquilo que foi criado, transmitido e apropriado (FERREIRA-SANTOS, 2005, p. 66).

Frente à mudança paradigmática proposta pelo Sumak Kawsay, de re-unir natureza e cultura, reconhecendo a influência de uma sobre a outra, penso que a pergunta não é até que ponto vamos ser nós os delimitadores do que os índios devem saber?”, lançada por Paulo Freire (2005, p.58). Agora precisamos saber: “até quando nós, os brancos, deixaremos de aprender com a sabedoria dos nossos povos nativos no Brasil”? Por que nos deixamos privar desse saber? A quais interesses atende a preservação da ignorância dos *brancos*, sobre a filosofia nativa? A predisposição à mudança epistemológica faz-se necessária, para que nos beneficiemos com um novo aprendizado, vindo dos nossos ancestrais.

Aprender requer reconhecer as próprias limitações, ou seja, que ninguém é uma lousa branca, vazia, desprovida de todo saber. Por outro lado, ninguém sabe tudo e, todo conhecimento é insuficiente frente à complexidade do mundo das ideias. A realidade do fator da escolha que o ser humano faz frente ao que a percepção imediata lhe diz, e que, no processo mais amplo do sistema simbólico cultural, é também escolha coletiva, pelo novo paradigma, o argumento da escolha coletiva responsabiliza a submissão a qualquer imposição simbólica. Conscientizar, para que o funcionamento da educação não se reflita apenas através de um tipo de metáforas econômicas, nas quais a cultura funciona como economia e a natureza, coisificada, funciona como outro objeto qualquer que se usa, se explora até o esgotamento, sem responsabilidades e consequências a viver.

As consequências são verdadeiras. Em 2009, entrevistando uma professora peruana, sobre como a cultura vê a mulher, a sua resposta foi: “Tem-se criado espaços para dizer que homens e mulheres são iguais, mas é interessante isso, porque os homens vão dizendo “vão avançando, vão avançando, vocês chegam lá... ou seja, ainda não estamos de igual a igual”. Quando perguntei em que sentido ocorre essa desigualdade, ela disse que “sempre tem a questão de dizer que a mulher é mãe de família, que não vai poder participar de tudo, que vai ter impedimentos por causa disso e daquilo; as mulheres não são chamadas para as conversas sérias e se participam, o que dizem é diminuído.” Estando a percepção sobre si mesma totalmente entregue à aprovação do outro e desprovida da auto-crítica dialógica, no respeito

pelas suas funções, a linguagem fica prejudicada, pelo problema da sua incapacidade de enxergar e agir adotando outros caminhos para si mesma.

A imagem é sempre significativa, pois, na consciência humana, nada é simplesmente apresentado, mas tudo é ressignificado: “mulheres...vão avançando...vocês chegam lá!”, “as mulheres não são chamadas para as conversas sérias...”. O impulso reprimido no inconsciente, explica Durand (1988, p. 43), por uma proibição mais ou menos brutal e por eventos mais ou menos traumatizantes, vai se satisfazer por vias indiretas, sendo então que a satisfação direta do impulso se aliena e se transverte em imagens ressentidas. Necessário se faz refletir indo mais além do paradigma clássico, positivista, reducionista, simplificador, de base aristotélica e hermenêuticas redutivas, buscando “um outro olhar”, com outros instrumentos, outra razão além da lógica excludente, dicotômica, humilhante para a mulher.

Na mesma pesquisa mitohermenêutica, entrevistando a professora brasileira Denise, quando lhe perguntei como os brasileiros veem a mulher, ela respondeu que é vista como objeto, que a visão que predomina é machista, que a publicidade de cerveja tem contribuído muito para educar nesse sentido. Há mudanças que devem ser reconhecidas, disse ela, mas o panorama geral é esse, e quando pergunto o que ela pensa da mulher brasileira, diz: “É guerreira, batalhadora, às vezes é arrimo de família, tem que lutar, cuidar dos filhos”.

Como procedimento da pesquisa e segundo Morin (2007, p. 182), analisei a organização recursiva, ou seja, aquela que se refere ao fato de efeitos e produtos fazerem parte da própria causação e produção. Verificando o problema da escolha, como a mulher resolve a autoprodução e a auto-organização. Entendendo-se que uma sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, essas interações produzem um todo organizador que retroage sobre cada indivíduo para co-produzi-los enquanto indivíduos humanos. Assim, busquei demonstrar o processo sócio-cultural como um circuito produtivo ininterrupto, no qual a mulher-professora comum, tendo tido de algum modo restringida a sua instrução, linguagem e cultura próprias, construiu-se como necessidade (por falta) daquilo que a produziu, mas também sofre a sua própria causação, acreditando não poder desfazer-se das amarras subjetivas que ela própria contribuiu na construção, e preserva.

Tendo sido desviada do próprio ritmo, aquele cujo som interno algumas das professoras desconhece ou nunca pôs em ação, surge a mulher, confusamente, como “patológica”, pois a mitologia encoberta, transforma-se em psicopatologia (DURAND, 2008, p. 265). É a vingança contemporânea de Ártemis, Diana, a deusa guerreira, que defendia o rio Amazonas dos invasores, pondo-se às margens das águas, com suas flechas certeiras. Como é que as professoras peruanas e brasileiras reagem à imposição cultural de gênero, na atualidade?

Atualmente, “feminilidade” é um termo despojado da carga de significações anteriores, como um discurso produzido a partir do século XVIII, sobre “como devem ser as mulheres”, a fim de ocuparem um determinado lugar na ordem social, de acordo com o que se acreditava ser a sua “verdadeira natureza” (KEHL, 2008, p. 204). A necessidade de derrubar essa ordem de compreensão significativa, reconhecendo o campo de possibilidades identificatórias que constituem a diversidade de escolhas de destino das mulheres, como sujeitos, traz a urgência de reconhecer os recursos fálicos identificatórios das mulheres contemporâneas, não como sintomas a serem curados, mas como necessidade de expansão dos limites do eu e modalidades de satisfação pulsional ao alcance de qualquer sujeito (KEHL, 2008, p.204).

A proposta da pesquisa científica de mulheres, pelo feminino, sobre o feminino, tem diversidades a compreender, construções epistemológicas a conhecer, culturas a desvendar, vida a recuperar, percepção a organizar-se em outra epistemologia. Uma hermenêutica cultural a propor o surgimento de estudos e reflexões que nunca foram realizados antes, como no caso da mulher-professora na vida contemporânea e por que não dizer, da mulher-professora na cultura nativa. A ciência e a tecnologia, nesta perspectiva, dão à educação novas formas na produção científica feminina da atualidade, no Brasil e nesta região ao sul do globo. Na cultura ocidental dos séculos XVIII e XIX, em especial no começo do século XX, interditiou-se às mulheres outras possibilidades identificatórias, pois a única identificação permitida na educação para as meninas pelos ideais de seu gênero, era a identificação à mãe, não enquanto mulher, no sentido mais amplo, mas enquanto materna, concluindo-se com a função e satisfação de ter muitos filhos (KEHL, 2007, p. 211), isto contribuiu durante séculos para o agravamento de neuroses e outras formas de sofrimento psíquico. Atualmente, a possibilidade e a necessidade de desenvolvimento fora da domesticidade pede uma nova “administração” da vida da mulher, por sua própria saúde mental e física e das suas pessoas amadas.

Freud (KEHL, 2007, p. 208) também acreditava ser justo educar as mulheres por mais e melhores direitos, desde que mantendo o ideal que a “natureza” lhes destinara através da beleza, do corpo, o encanto, a doçura, sendo impensável para ele mesmo a possibilidade de que a sua esposa, Marta, fosse sua concorrente na profissão ou mesmo sua interlocutora (KEHL, 2007, p. 208)). Conhecer e dominar o “animus”, a personificação masculina no inconsciente da mulher, seus aspectos positivos e negativos, as certezas resultantes da influência paterna na forma de convicções secretas e sagradas, seria o recurso que permitiria à mulher, segundo Jung (1987, p. 89), de avaliar as suas afirmações - enfrentando o “animus”, que nunca aceita exceções - compreendendo e assumindo, a partir de então, as sugestões de seu inconsciente, para escolher um destino melhor.

Atualmente, sabemos pelos desenhos de povo anterior aos incas, que não é bem assim. Homens e mulheres nascemos com ambas as energias, aquela que se convencionou chamar *masculina* e a que se convencionou chamar *feminina*. O fundamento simbólico está em que, ao ter separado os sexos na polaridade homem (ativo-forte-conquistador-curioso-dominador) e mulher (passiva-narcisista-maternal-masoquista-ingênua, infantil), é necessário agora fazer-se a “re-união” dos mesmos, pela “re-união” dos contrários. Sendo o masculino: o sol, o ouro, o fogo, o ar, o rei, o espírito de enxofre, no feminino. E sendo, o feminino: a luz, a prata, a terra, a água, a rainha, no masculino. O re-encontro no espírito de Mercúrio, Hermes, o hermafrodito, num espaço-tempo *crepuscular*, no entremeio, no trânsito, na *trajetividade* entre os dois polos mantidos distantes na longa jornada secular (FERREIRA-SANTOS, 2005, p. 59) a reflexão profunda é o recurso fundamental para um re-encontro tranquilo, amoroso, compreensivo.

Tendo a escola no Brasil e no Peru, na sua estratégia comunicativa de formas diferentes, conteúdos diferentes, a transversalidade subjetivada pela relação pedagógica a difundir imagens fortemente racionalistas, machistas, interessadas na ênfase competitiva, tecnológica, consumista, com esquemas verbais fechados e percepção dirigida a julgar um retrato da feminilidade construído por homens, para homens, está agora em questionamento, nas propostas de re-união das políticas públicas, o sentido do re-encontro da mulher com o mito *hermesiano*. Será necessário perguntar qual conceito de *feminino* permaneceu por tanto tempo sob o manto, qual está emergindo e como está se resolvendo no âmbito educativo (SANCHES, 2010, p. 72).

Analisando o isomorfismo dos símbolos e da iconografia da Mãe suprema, vemos confundirem-se virtudes aquáticas e qualidades terrestres: a terra, assim como a água, é a primordial matéria do mistério, sendo penetrada, escavada, oferecendo resistência. Encontrei na minha pesquisa que as mulheres-professoras resistem a mudar. Em muitos mitos, a terra desempenha papel passivo, é o ventre materno donde saem os homens, é a mãe das pedras preciosas, onde o cristal amadurece em diamante. *Pachamama*, para os *quéchua* peruanos, é a mãe primordial, a grande maternidade envolvente da meditação alquímica, confirmada pela lendária racionalização do folclore popular e pelas mitologias, arquétipos da poesia, no eterno feminino e sentimento da natureza, caminhando lado a lado com a literatura, como observa Ferreira-Santos (2004, p. 230). A Mãe-Terra, mulher materna para a qual regressam os desejos da humanidade, não precisa agredir para demonstrar que é forte, não precisa gritar para fazer-se ouvir, não precisa humilhar para sentir-se superior. A entidade religiosa e psicológica mais universal, *Nandesy* para os *guarani* brasileiros, acolhe e é acolhida, dá e recebe, promove trocas. Como Hermes, o deus hermafrodito que do casco da tartaruga – um animal lento - fez a sua lira e, com a música, imediatamente encantava os deuses e os juízes.

O processo de mudança não é simples nem rápido, pois está impregnado de história e cultura. Costumes demonstrando o que foi percebido na cultura entre a “aceitação” e a “escolha”. No Peru, cito o caso do Tumbanquichu, como explica em sua própria linguagem o jornalista Neyra Bendezu (2004, p. 3), o “amar pela força ou amor com tombo”, praticado pelos filhos de autoridades locais e senhorios de Lima, até o século passado, e ainda observado em algumas regiões, por considerar-se o jovem branco no privilégio da sua juventude, o direito de abordar moças do campo que “por ignorância, temor e submissão se entregam ao sedutor, considerando um privilégio ter sido a escolhida” (BENDEZU, 2004, p. 3). E no Brasil? Como lidamos com fenômenos similares?

Questionar aspectos dominantes da cultura branca, profundamente enraizados na maneira de conhecer, é tarefa de forjar a sensibilidade de uma nova humanidade. O sociólogo Florestan Fernandes (1964, p. 11), dizia que para os tupinambá, a educação tinha por base assimilar o indivíduo à ordem social tribal, o “nós coletivo”, sem prejuízo do equilíbrio psicobiológico da pessoa. Conseguindo êxito no respeito ao outro e no aproveitamento construtivo de aptidões, e dessa forma podendo atender às necessidades materiais e morais coletivas, decorrentes do sistema de divisão de trabalho e classificação social democráticos. Os nativos consideravam que não precisa haver a competição individualista e nem as implicações para as atribuições de *status*, pois havia extensa e intensa variedade de atitudes, comportamentos e aspirações ideais de auto-realização das pessoas.

Em ocasião anterior, dezembro de 2006, encerrando pesquisa que desenvolvi em aldeia no litoral paulista, ao despedir-me dos professores e agradecer-lhes por me receber em seu meio, eles disseram que também queriam me agradecer. Imediatamente, foram todos para a frente da sala, dividindo-se em dois grupos. Perfilando-se os homens para um lado e as mulheres para outro, cantaram em tupi-guarani. Quando terminaram, *Ubirajara* explicou que a canção se chama *Piray*, que quer dizer *Peixinho*. E que a letra se refere aos peixinhos que ficam muito felizes quando chove, porque a água lhes leva alimento. Receber e retribuir, caracteriza a economia de reciprocidade dos tupi-guarani (FERNANDES, 1948, p. 125). A obrigação de dar era motivação para os grupos desenvolverem técnicas de entreatajuda econômica e cooperação social, tendo assim desenvolvido padrões especiais de comportamento

recíproco. Como me explicou na época, a diretora da escola, para eles, “não ter o que oferecer, pode ser pior do que não ter o que comer”.

A pesquisa de 2009 revelou elementos que demonstraram em ambos os universos educativos, do Brasil e do Peru, elevada resistência a mudanças, ressentimento, dificuldades de relacionamento interpessoal, frustrações e, muito grave para o campo da educação, a desesperança. Nesse momento, em nenhuma das histórias de vida a(o) Outra(o) é conhecida(o): peruanas desconhecem brasileiras tanto quanto estas desconhecem as peruanas. O que quer dizer que há todo um espaço, para a percepção de si mesmas em novos relacionamentos. Para a exploração de mundos desconhecidos e a possibilidade de criação de projetos educativos, sociais, científicos e tecnológicos conjuntos, com grandes possibilidade de êxito, pois as professoras peruanas referiram-se às brasileiras como livres e independentes e as brasileiras referiram-se às peruanas como trabalhadoras, guerreiras.

Compreendo que este é um momento holonômico, como indicado por Ferreira-Santos (1998) e buscando garantir a equilibração antropológica, proponho pela educação holonômica o ensino da arte holonômica nas escolas e museus dos países ao sul do globo (SANCHES, 2010, p. 193). O estudo da percepção, do imaginário, da mitohermenêutica, que se revestindo com as estruturas variantes do tempo e do espaço, ficaram por longo tempo escondidas. Como se jamais pudesse o conhecimento nativo ser trazido ao mundo das reflexões dos ocidentais, sobre as experiências humanas.

Considerações finais

Teko Porã é como se referem os nativos guarani do Brasil, ao *Sumak Kawsay*. Tendo o mesmo significado: viver em harmonia com a Natureza, para viver em harmonia entre os seres humanos. Frente aos novos desafios da atualidade, e considerando fatores de intervenção na maneira como a cultura lida com a questão de gênero *feminino*, busquei, neste estudo e pesquisa, algo mais do que a influência das ideias na cultura de educação contemporânea, na complexidade das circunstâncias atuais, nas relações pedagógicas. No trajeto antropológico, ao contrário da leitura única, causa-efeito, busquei a crítica, a dialógica, o movimento de unificação em luta, as forças dispersivas que impulsionam o sujeito através da vida consciente, dos sonhos ou crises, a realidade das forças de resistência e da escolha.

Penso que vivemos um processo de transição e reconstrução, *caminho de passagem*. Antigos conceitos deverão ser revistos e energias deverão regenerar-se na mulher, purificar-se na natureza, distribuindo-se generosa e indistintamente. Recorrendo a *Hermes Trimegisto*, ou “Hermes três vezes o Máximo”, o Mercúrio latino e o Tot egípcio, o escrivão no julgamento dos mortos, patrono de todas as ciências, cujo poder se eleva à contemplação das ideias, sendo *feminino*, por ser branco e líquido, e ao mesmo tempo *masculino* por ser metal seco e, simbolizando “a união dos contrários” através da alquimia, a “arte régia” e a hermenêutica. Esta me parece ser a natureza do processo a ser buscado em sua profunda significação, na construção coletiva de um novo *bem-viver*.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- BENDEZU Neyra, Roger Albino. **Tumbankichu Amor con tumbada**. Ica: Arco Iris, 2004.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- _____. **Ciência do homem e tradição**. O novo espírito antropológico. São Paulo: Triom, 2008.
- FERNANDES, Florestan. **Organização social dos Tupinambá**. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S.A., 1948.
- _____. **Notas sobre a educação na sociedade tupinambá**. São Paulo, 1964.
- FERREIRA-SANTOS, Marcos. O espaço crepuscular: mitohermenêutica e jornada interpretativa em cidades históricas. In: PITTA, D.P.R. (Org.). **Ritmos do imaginário**. Recife: Editora UFPE, 2005.
- _____. **Crepusculário**: conferências sobre mitohermenêutica e educação em Euskadi. São Paulo: Zouk, 2004.
- _____. **Práticas Crepusculares**: mytho, ciência e educação no Instituto Butantan – Um estudo de caso em Antropologia Filosófica. 1998, 2v. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1998.
- _____. **O crepúsculo do mito**: mitohermenêutica & antropologia da educação em Euskal Herria e Ameríndia. 2003. 206 f. Tese (Livre docência em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Unesp, 2005.
- GAGLIARDI, José Mauro. **O indígena e a República**. São Paulo: Hucitec: Edusp, Secretaria de Estado da Cultura, 1989.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.
- _____. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- MEC – Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Escolas Indígenas**. Brasília, DF. 1998.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- SANCHES, Janina. **Mitohermenêutica do feminino na antropologia da educação: interculturalidade Brasil-Perú**. 2010. 200 f. (Pós-Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2010.
- _____. **Currículo intercultural**: a arte como sistema simbólico cultural na escola de branco. 2006. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.
- _____. Derechos de la Naturaleza y Educación. II Encuentro Internacional Estado plurinacional e intercultural, Sumak Kawsay y derechos de la Naturaleza. Secretaria de Pueblos/ Ministerio Coordinador de Patrimonio/UNESCO, 2010 Quito. **Anales electrónicos del II Encuentro Internacional Estado Plurinacional e Intercultural, Sumak Kawsay y derechos de la Naturaleza**, 2011. Disponível em: <<http://ministeriopatrimonio.ezn.ec/es/inicio/noticias/2010/diciembre-2010/1172-seinauguro-el-ii-encuentro-internacional-estado-plurinacional-e-intercultural>> Acesso em: 12 abril, 2012.
- _____. La poética de bien-vivir y derechos de la naturaleza: Sumak Kawsay. In: FEBEREY, Jean-Yves (Org.) **II Volantino Europeo**. N°34, outubro, 2011, p.23-29.

Artigo recebido em junho de 2013 e aprovado em junho de 2013.